



**(RE)INVENTANDO GEOGRAFIAS E
ECOLOGIAS COM
A PRÓPRIA HISTÓRIA**

Caderno-catálogo Educativo

Vitória, 2019

ROBERTO MÁRCIO DA SILVEIRA & SOLER GONZALEZ [ORG.]



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Programa de Pós Graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE)

(Re)inventando geografias e ecologias com a própria história
Caderno-catálogo educativo

Vitória, 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R374 (Re)inventando geografias e ecologias com a própria história

Reinventando geografias e ecologias com a própria história : caderno-catálogo educativo / Organização de Roberto Márcio da Silveira e Soler Gonzalez. – Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2019. 34 p. : il. color. ; ebook

ISBN: 978-65-990596-3-6

1. Ensino de Geografia 2. Ecologia 3. Prática de Educação Ambiental 2. Práticas de oficina

I. Silveira, Roberto Márcio da. II. Gonzalez, Soler. III. Título

CDU 372

"É PRECISO ESTIMULAR A IMAGINAÇÃO DOS EDUCANDOS, USÁ-LA NO 'DESENHO' DA ESCOLA COM QUE ELES SONHAM. POR QUE NÃO PÔR EM PRÁTICA, NA PRÓPRIA SALA, PARTE DA ESCOLA COM QUE SONHAM?"

Paulo Freire

Patrono da Educação Brasileira



Sumário

1. Apresentação.....	6
2. Agradecimentos.....	8
Resistir amorosamente, esperar caminhando.....	9
3. O Pibid Geografia no cotidiano escolar.....	11
4. Oficina "Geografia das cores".....	12
5.1. Cena 1 - Cartela de cores e texturas.....	12
5.2. Cena 2 - Mãos na massa.....	13
5.3. Cena 3 - Mãos às obras.....	16
6. Oficina "Sucata que gera vida".....	18
6.1. Cena 1 - Levantamentos das amostras e triagens.....	18
6.2. Cena 2 - Frenesi em tela.....	18
6.3. Cena 3 - A criação.....	20
7. Catálogo educativo: "Geografia das cores".....	22
8. Catálogo educativo: "Sucata que gera vida".....	25
9. Referências bibliográficas.....	32
10. Créditos.....	34

1. Apresentação

A ideia de produzir este caderno-catálogo educativo nasceu das relações entre vários sujeitos envolvidos no processo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE - UFES): os estudantes do Ensino Médio dos turnos matutino e vespertino, os professores e bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) em Geografia em duas escolas estaduais de Vitória, além das discussões desenvolvidas no grupo de pesquisa Territórios de aprendizagens autopoieticas/Cnpq. Acentuamos aqui algumas das trajetórias de pesquisa realizadas, enredando saberes e fazeres de variados sujeitos envolvidos direta ou indiretamente neste processo.

Neste contexto, o caderno-catálogo educativo aqui socializado aborda as contribuições políticas, pedagógicas, ecologistas e libertárias em educação, reunindo informações e orientações sobre as etapas e materiais utilizados em duas propostas de oficinas: “Geografia das cores” e “Sucata que gera vida”, além de contar com um acervo das obras criadas e suas poéticas particulares. Para isso, as oficinas vão ao encontro da dimensão política da Educação Ambiental.

Com as práticas pedagógicas vivenciadas nas oficinas, juntamente das leituras e aproximações metodológicas com os cotidianos escolares decorrentes da pesquisa do mestrado em educação, fomos nos adentrando nos movimentos de “virar de ponta a cabeça, beber em todas as fontes, narrar a vida e literaturizar a ciência”, como preconizados pela professora Nilda Alves (2003, p.3), possibilitando aprendizagens e formações inventivas (DIAS, 2012).

As práticas pedagógicas propostas neste caderno-catálogo educativo contrapõem-se aos modelos hierárquicos de currículo, sugerindo outras possibilidades de fazer educação. Vão ao encontro da “transversalidade” e da proposta de “saber não-disciplinar”, proposto por Gallo (2000). Assumimos uma perspectiva libertária de educação (BARCHI, 2009), apostando e acreditando no potencial transformador e criativo das práticas pedagógicas e seus impactos na vida, nas relações e no pensamento ecológico.

No esteio da perspectiva ecologista (REIGOTA, 1999), buscamos força criativa, por meio dos encontros e conversas, assim como procuramos potencializar os saberes e fazeres dos sujeitos que habitam o cotidiano da escola, propondo outras ecologias que sejam dialógicas, solidárias, capazes de transformar práticas pedagógicas cristalizadas em “Oficinas do viver”, que criam e inventam as relações e a vida (GONZALEZ; RAMOS, 2014). Ecoam como invenções, apontando possibilidades transversais de trabalhar práticas pedagógicas no ensino de Geografia, em diálogo com as linguagens artísticas, estéticas-expressivas e ecológicas, agindo também como fio condutor para produção de saberes e fazeres que atravessam a vida, as sensibilidades e as emoções cotidianas.

Apostamos na perspectiva antropofágica em diálogo com a interculturalidade (BARCELLOS, 2013), que nos apontam que é possível criar a partir das relações de solidariedade e do respeito à cultura do outro como parte de um coletivo. Assim, fazemo-lhes um convite para aguçarem outros olhares e afetos sobre as *imagensnarrativas* aqui salientadas, ampliando juntos os nossos horizontes utópicos para uma Geografia escolar a serviço de relações coletivas mais justas e ternas.

Roberto Márcio da Silveira
Soler Gonzalez

2. Agradecimentos

À Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), seu corpo docente, direção e administração, que me mostraram, através da pesquisa, um novo horizonte, baseado na confiança, no mérito e na ética, assim como na educação como ferramenta poderosa na transformação do mundo.

Ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE) da Universidade Federal do Espírito Santo.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), bem como aos bolsistas do Pibid Geografia, que me acompanharam desde 2012. Vocês contribuíram para que nossas ideias se transformassem em práticas pedagógicas que formarão pessoas conscientes do seu papel social no meio em que vivem.

Aos sujeitos da história dessa pesquisa, estudantes da primeira e terceira séries do Ensino Médio, peças-chave na concretização das ações, assim como professores e funcionários das escolas pesquisadas, gratidão eterna.

Ao Laboratório de Ensino e Aprendizagem em Geografia (LEAGEO), espaço imprescindível para uma educação geográfica comprometida com o diálogo e com a transformação social.

À Arte, à Educação Ambiental e à Geografia, fontes de conhecimento inspiradoras que me tornaram um pesquisador incansável na busca pelo saber, com fé, foco e prazer em inovar, sempre.

3. Resistir amorosamente, esperar caminhando

Uma pesquisa de mestrado e doutorado envolve buscas, indagações, questionamentos e dúvidas. Nesse sentido, é um caminhar marcado por ansiedades, descobertas, aprendizagens. Fatores de ordem objetiva, via de regra, têm um impacto preponderante nesse processo formativo.

No caso desta pesquisa de mestrado, realizada pelo professor Roberto Márcio da Silveira, tais fatores representaram um desafio permanente à sua capacidade de resistir a adversidades e contornar obstáculos. Como educador da rede estadual de ensino, esteve envolvido numa rede de poderes opressivos, impondo-lhe restrições de toda espécie e inibindo a busca por aperfeiçoamento profissional, negando-lhe, assim, um direito que deveria ser incentivado. Agora, ao concluir o mestrado, o professor Roberto Márcio da Silveira tem muito a nos dizer, seja narrando, seja escrevendo suas *apendizagens*. Nós, seus colegas de profissão e alunas/os podemos, desse modo, dialogar com os *saberes-fazer*s potencializados durante esse caminhar aprendiz.

Sua problemática de pesquisa, focada nas questões ecológicas no ensino de Geografia, interpela a todas/os, sobretudo neste momento histórico, quando, nas múltiplas escalas geográficas, vivenciamos os efeitos de um modo de pensar e fazer ciência que nos inseriu em dilemas e desafios de grande magnitude. O aquecimento global e a dilapidação dos recursos naturais, a subjugação da democracia ao receituário do mercado, o crescimento da pobreza, o desrespeito aos direitos humanos, entre outros, nos alertam e mobilizam para o relevante papel social que a educação deve e pode assumir.

Assim, se tais desafios nos amedrontam, aguçando incertezas e angústias, devem, também, nos mobilizar para uma amorosa e horizontal postura teórico-metodológica-epistemológica. Esse foi o fundamento ético-político da pesquisa do professor Roberto Márcio da Silveira.

Neste caderno-catálogo educativo temos as *imagensnarrativas* de um percurso sem um término definitivo. Tratou-se de um caminhar que agora, momentaneamente concluído, desdobrou-se em múltiplos outros trajetos possíveis, outros ainda por construir, o que era inimaginável antes. Rotas que envolveram dúvidas, imprevisibilidades e desnorreamentos, mas, simultaneamente, provocaram o desabrochar de outras utopias, campos de novas possibilidades para a educação e o ensino de Geografia...Recorro aqui aos versos do poeta Affonso Romano de Sant'Anna para ilustrar esse processo que, na minha perspectiva, deve ser o de toda/o educadora/or que amorosamente desempenha esse ofício: “Eu: ponto de observação. Eu: ponto de interrogação. Eu, ponto. Discurso sem conclusão”.

Convido, portanto, todas/os a compartilharem com o professor Roberto Márcio da Silveira esse caminhar de aprendiz permanente!

Prof. Dr. José Américo Cararo
Centro de Educação da Ufes

4. O Pibid Geografia no cotidiano escolar

A partir do entendimento de que o papel da Geografia no cotidiano escolar deve assegurar a percepção crítica acerca da sociedade à qual se faz parte, cabe ao professor, por meio das diversas proposições pedagógicas, fornecer possibilidades necessárias para que os estudantes desenvolvam o interesse em dar significado ao seu cotidiano, ao sentido de sua inserção na sociedade, bem como de reconhecer-se como agente social capaz de promover transformação. É a partir desse pressuposto que devem ser delineadas as escolhas político-pedagógicas que fundamentarão a atuação do professor no ambiente escolar, e é sobre esse ponto de partida que as atividades do Pibid Geografia têm se debruçado.

Como resultado de um trabalho cujas raízes se encontram na mais verdadeira intencionalidade de humanizar, enriquecer, oxigenar e preencher de geografias o cotidiano escolar, este caderno-catálogo surge como resultado de um processo de riquíssimas subjetividades, cujas reverberações não se limitam na materialidade das obras elaboradas, transgredindo a sala de aula, o pátio, os muros da escola e a própria Geografia.

Bolsistas do Pibid Geografia - Ufes

5. Oficina "Geografia das cores"

5.1 Cena 1 - Cartela de cores e texturas

Deslocamos da sala de aula até o refeitório para fazermos a triagem das amostras de solos. O espaço escolhido era condizente com a proposta por dispor de bancadas, ser aberto, fluido, o que possibilitava os diálogos e os movimentos. Em meio às conversas fomos ao encontro das dúvidas, das curiosidades, dos receios, etc. Em meio às nossas afetividades, enredamos diálogos por meio das memórias narradas e contadas, que revelavam de onde as amostras de solos haviam sido levantadas. Os estudantes foram instruídos a criarem uma cartela de cores, com os diferentes tipos de solos encontrados em diferentes localidades, paisagens e geografias e a descoberta dos tipos de solos presentes em seus quintais, bairros, ruas, barrancos e lugares diversos. As dialogicidade muito produtivas e enriquecedoras denotavam indícios de produção de conhecimentos em meio a processos colaborativos movidos pela curiosidade, combustível que alimenta/alimentou o processo produtivo e inventivo.

"Eu fiquei e participei do PIBID por quase dois anos. Foram anos de muito aprendizado pra minha vida acadêmica e pra minha caminhada como professora."



5.2 Cena 2 - Mão na massa

Provocados pelos processos criativos e inventivos de produção da cartela de cores e texturas, as amostras de solos foram dispostas sobre folhas de jornais e expostas à luz e ao calor para secagem. Mãos na massa! Em meio aos devaneios desse processo, os grupos trabalhavam freneticamente a fim de aproveitar a tarde ensolarada e muito quente. As amostras de solos eram remexidas de hora em hora para que a secagem ocorresse de forma uniforme. Para isso, foi organizada uma escala, o que garantia a participação dos sujeitos da história. A dúvida e os estranhamentos emergem. Eis que surge uma pergunta: "Por que os solos precisam passar pelo processo de secagem?" Estreita-se uma relação dialógica criando uma rede de conversação, onde foram expostos os motivos da secagem dos solos. O primeiro refere-se à presença de micro-organismos que podem comprometer o trabalho depois de pronto, havendo a proliferação de fungos, o que deterioraria a obra. O segundo é que as amostras precisam ser peneiradas por peneiras de diferentes malhas[1], com o objetivo de obter uma textura homogeneizada e grãos de baixa densidade.

[1] As malhas de uma peneira são os entrelaçamentos que geralmente especificadas por "malhas por polegadas linear" e em milímetros. São essas metragens que separam grãos de diferentes tamanhos e densidade.

"As práticas realizadas no Pibid Geografia marcaram minha trajetória como estagiário e fazem parte da minha prática docente."



O tempo corre, prolongaram-se as conversações e, motivados pelo entusiasmo, tocaram, sentiram, perceberam os solos. Algo lhes chamou a atenção, que foi a variedade de cores e tons: amarelos, vermelhos, marrons, pretos, cinzas, rosas, etc. No despertar curioso e atento dialogamos sobre a sua “Geografia das Cores” levando-os ao entendimento que solos ricos em ferro são latéricos, ou seja, geralmente apresentam colorações que variam do amarelo ao vermelho, enaltecendo os tons ferruginosos; os orgânicos, escuros que vão do marrom ao preto. O contato com as amostras de solos revelou sua textura por meio de sua granulometria. Grãos de diferentes tamanhos, densidades, formas, que quando agregados dão origem a variedades de solos. Estes, capazes de gerar vida, como os orgânicos e outros, infecundos como os de natureza árida. São as texturas e cores que dão as variações das paisagens, gênese, invenção, matiz, entretom, etc. No processo de triagem criamos uma cartela de cores e texturas que variavam do amarelo ao branco e grãos com variadas texturas. Com o intuito de enriquecer a cartela foram feitas misturas de solos para obtermos outros efeitos de colorações e texturas. Um processo de criação e invenção de “si” e do “outro”. O manuseio das amostras nos possibilitou fazer descobertas, inventar, criar, desentessar a forma, sentir, perceber, combinar, misturar e estranhar, movidos pelo despertar da curiosidade.



As amostras de solos secas e peneiradas foram alojadas em frascos plásticos com tampa. Os mesmos foram etiquetados, indicando o local do recolhimento do material, a data, e o tipo de solo.



O fazer artístico engendra a montagem de um laboratório de tintas improvisado. As tintas foram produzidas separadamente em recipientes plásticos como garrafas pet e potinhos de margarina, onde misturamos uma colher de sopa do solo com duas colheres de sopa de cola branca escolar e água até chegar à consistência desejada.

As práticas libertadoras e ecologistas engrenando os processos inventivos e criativos. Essa prática revelou muitas curiosidades frente à cartela de cores e texturas dos solos. Muitos questionamentos foram feitos. "Como 'terra' pode virar tinta? Com todo tipo de 'terra' pode-se fazer tinta?" Outras indagações estavam expressas nos olhares, não acreditando que a partir dessa prática era possível produzir arte. A motivação dos estudantes era contagiante, estavam bem envolvidos com a atividade, o que facilitou o processo produtivo. O mover curioso nos olhares de outros professores, estudantes, "tias" da cozinha e da limpeza aguçou a participação e o envolvimento com a atividade. Em meio à coletividade e ao contato com as múltiplas singularidades, engrenam o saberfazer, além de reforçar o compromisso ético e político acerca dos problemas ambientais relacionados à degradação do solo.

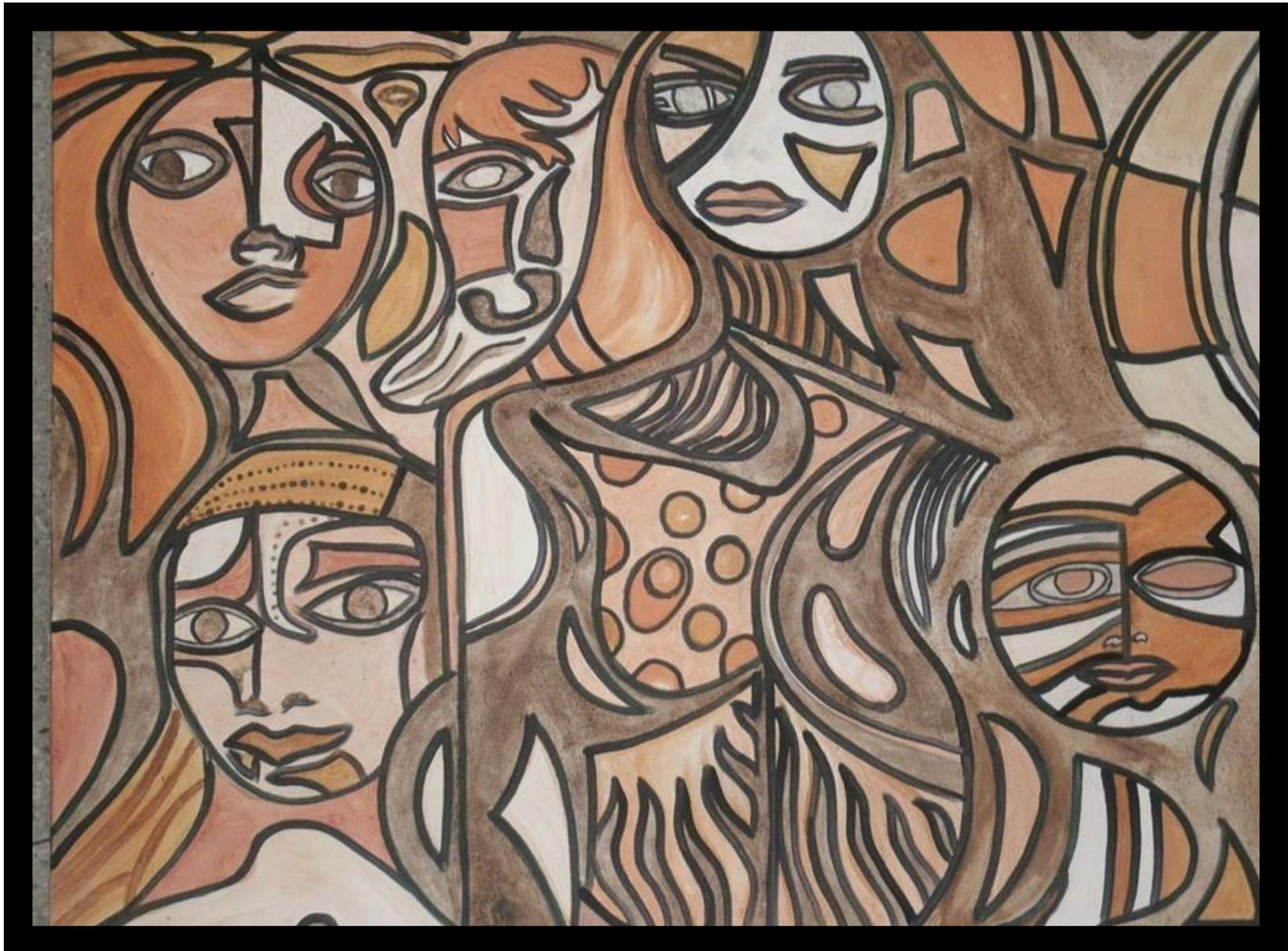
5.3 Cena 3 - Mãos às obras

Propusemos aos estudantes irmos ao laboratório de informática, que dispunha de computadores, para a escolha das obras. Dialogamos possíveis artistas a serem escolhidos, dentre eles: Van Gog, Tarsila do Amaral, Candido Portinari, Romero Britto, Pablo Picasso, Di Cavalcanti, entre outros. Dentre as opções, cada grupo elegeu uma obra e a priori a analisou, considerando aspectos como: informações técnicas sobre a obra, técnica utilizada, estado de conservação e sua descrição iconográfica (descrição formal, espaço plástico, luz, sombra, contraste de cor, entre outros). A proposta era aproximar os estudantes da obra escolhida, provocando-os a analisar as diversas possibilidades de fazer sua releitura. Rer ler uma obra não é reproduzi-la e sim interpretá-la ao seu modo com o exercício da criatividade. São as aproximações entre os estudantes e as obras que deram possibilidades de fazer a releitura. Os grupos estavam articulados na estruturação das obras. Após a análise, (re)produziram os desenhos baseados na obra escolhida e transpuseram para a tela. Tocados pela dúvida, fizeram a escolha da cartela de cores e texturas, que viriam a compor suas obras. Mãos às obras! Tintas frescas prontas para colorir as telas. Arriscar, aventurar, ousar a desvendar os mistérios e os segredos das obras de arte através da arte de pensar.

"Pude ter minha prática a pesquisa iniciada com o Pibid Geografia e ter consciência do meu lugar como professor reflexivo."



Ganham formas em meio às cores, texturas e especificidades de cada sujeito envolvido nos processos. Constitui um fazer artístico inventivo e criativo sustentado por práticas pedagógicas libertadoras e ecologistas.



6. Oficina "Sucata que gera vida"

6.1 Cena 1 - Levantamentos das amostras e triagem

Ao longo das aulas instruí os grupos sobre possíveis locais onde poderiam encontrar tais amostras. O levantamento foi feito pelos próprios estudantes a fim de reunirmos peças de metal usadas e descartadas em quintais, ruas, oficinas de carros e bicicletas ou que fossem objetos pessoais, que trazem consigo memórias, afetos, lugares, geografias... Após o levantamento das amostras, estas foram dispostas em um espaço da escola para serem preparadas. Os objetos foram postos sobre plásticos e foram categorizados de acordo com as suas formas. A preparação se deu ao borrifar vinagre no dia anterior, de modo que acelerasse a oxidação dos objetos metálicos, a fim de obtermos resultados mais expressivos. Interessante ressaltar que tais movimentos foram feitos pelos próprios estudantes, sendo que a minha participação se "restringia" a orientar sobre cada passo, bem como ir trabalhando os conceitos científicos em torno da coleta seletiva, da oxidação e da arte.



6.2 Cena 2 - Frenesi em tela

Dispostos e ansiosos com a criação das obras, os estudantes foram convidados à biblioteca no intuito de dialogarmos sobre os processos de montagem e constituição da obra. Foram formados grupos, cada um responsável pela produção de uma obra. Logo, nos dirigimos ao pátio e os grupos receberam o substrato (tela). Um dos grupos arquitetou produzir uma paisagem. Para isso selecionaram peças circulares, lineares, pedaços de retângulos metálicos, pregos, parafusos, roldanas de vários tamanhos, dentre outros. Os objetos foram representando aquilo que os grupos iam acreditando para o processo produtivo, atribuindo suas subjetividades aos objetos que selecionavam para representar as figuras que lhes convinham. Após a montagem, foi borrifado vinagre sobre a tela, e em alguns minutos o processo de oxidação já ficava evidente. Os materiais reagiam, se misturando, o que fez com que a paisagem ganhasse contornos.



6.3 Cena 3 - A criação

Os estudantes puderam interagir, fazer parte da obra e desvelar sua poética, além de aproximar dos processos de produção de caráter libertador, ecologista, inventivo e das descobertas e saberes que defendemos na proposta de pesquisa. As criações das obras, produzidas a partir das vivências e experiências cotidianas dos estudantes, nos possibilitou desencadear nos cotidianos escolares espaços de criação, invenção e de espontaneidade. Segundo Barcelos (2013, p.79), “a escola é um bom lugar para se ter erupções de criatividade, basta abrir espaços, e criar oportunidades para que a capacidade inventiva e devorativa de cada um possa manifestar-se”. Elegemos a obra de arte “Sol na Favela”, criada pelos estudantes, que foi deglutida, ruminada pelos objetos metálicos, suas formas, espessuras e por elementos que representam a subjetividade dos estudantes que a produziram. O ato da criação da obra representou as emoções, os sentimentos dos estudantes que a criaram. Na obra se coloca tudo o que está no interior de quem a realiza, uma das formas de expressão magnífica, pois a partir do momento em que se concretiza, deixa de pertencer a quem a realizou e passa a ser um objeto de interpretação, de desejo ou até de repulsa de quem a observa. Sem liberdade não há criação, pois essa é a forma mais legítima de expressão artística. A arte está presente nas relações, nas expressões das linguagens, nas práticas pedagógicas, na vida.



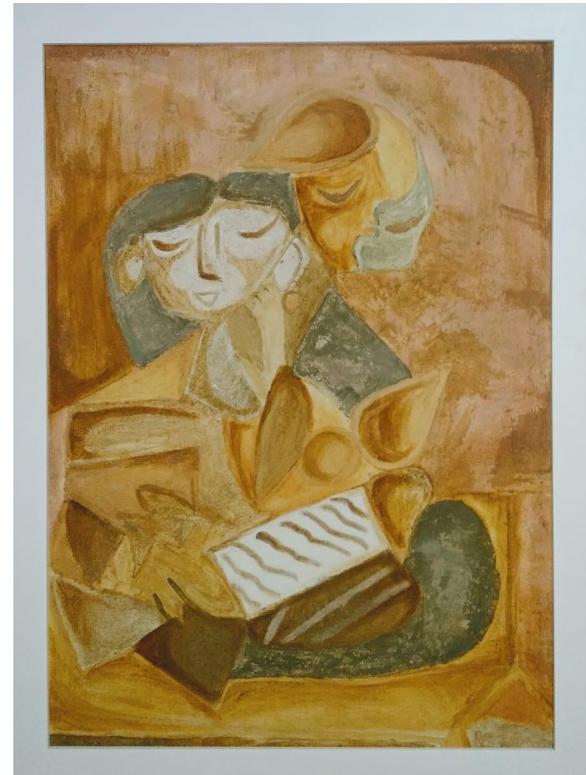
Sol na favela - 2018

Impressão por oxidação - 50 x 50cm.

Muitas vezes a alegria vem de coisas simples, principalmente quando compartilhamos sorrisos. Nascidos em comunidades próximas à escola, os estudantes se sentiram muito felizes ao poder mostrar fotografias de seus bairros, conversar sobre ações a seu redor e produzir uma obra de arte que reflete a luz do sol sobre suas casas. Diante da realidade em que vivemos de violência, injustiças e desrespeito, é prazeroso dividir bons momentos com os amigos e, através da simplicidade, mostrar quão grandiosas podem ser nossas ações.

7. Catálogo educativo: "Geografia das Cores"

Diferentes tipos de solos, alguns mais férteis que outros. Há também os solos áridos ou úmidos, de coloração escura; há ainda os avermelhados, amarelados, claros, pegajosos, finos, grossos, de inúmeras nuances e que permitem infindáveis variações, geografias, paisagens, criações, invenções e composições. Há beleza em arriscar, criar, inventar, deslocar, desintegrar e forçar o pensamento nos cotidianos escolares, com os fragmentos de solos, materiais desagregados, que trazem em suas composições naturais, organismos vivos, ar, água e minerais, além, é claro, dos restos pueris de temporalidades, paisagens, lugares e geografias outras.



Dois personagens em um só - 2012

Solos sobre tela - 70 x 50cm. Coleção particular.

Quando há conexão entre almas, há crescimento, aprendizado. Deixar-se dividir com o outro e absorver certas energias boas nos faz únicos. Equilíbrios nos tons, uma nova obra, que deixa de lado as fortes cores de Picasso, para retirar o contraste que separa. Vemos tons sobre tons, almas em combinação e derretimentos. Vemos mistura. Somos um só.



Recolorir - 2012

Solos sobre tela - 70 x 50cm. Coleção particular.

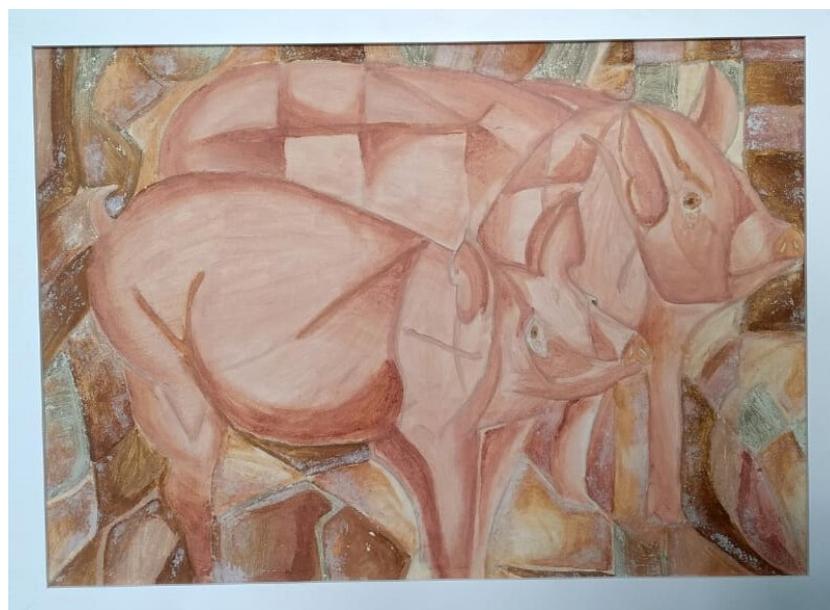
Abaporu é uma clássica pintura do modernismo brasileiro. A escolha da obra de Tarsila do Amaral pelos estudantes não foi à toa. A obra altera a realidade, um homem com grandes pés e mãos mostra quão pesado pode ser um trabalho físico. Por outro lado, o pé grande pode representar uma forte conexão do ser humano com a terra. A obra deixa de ter as cores do tropicalismo para simplesmente nos fazer pensar em olhar de outra forma, suavizar, deixar mais leve a melancolia que surge a partir dos injustos que nos rodeiam.



História de pescador - 2012

Solos sobre tela - 50 x 70cm. Coleção particular.

Formas retangulares e ovaladas, um lago, um pescador. Quem nunca ouviu uma história de pescador? Algumas engraçadas, outras surreais... As histórias de pescador, hoje, estão virando histórias de terror, disse Alexandre, um pescador de longa data. Grandes empresas poluidoras, estão deixando tudo marrom, há lama, há lixo. O pescador, de Tarsila do Amaral, pescava seus peixes em águas azuis, e, depois de um dia de trabalho com “fartura”, saía por aí contando lindas história, o que seja... Que olhemos e entendamos as mudanças que as cores das águas trazem. Queremos histórias de pescador, queremos novamente ter vontade de contá-las.



Poesia - 2012

Solos sobre tela - 50 x 70cm.

Fala-se sobre animais, união, vida. Fala-se sobre cores, tons, poesia.

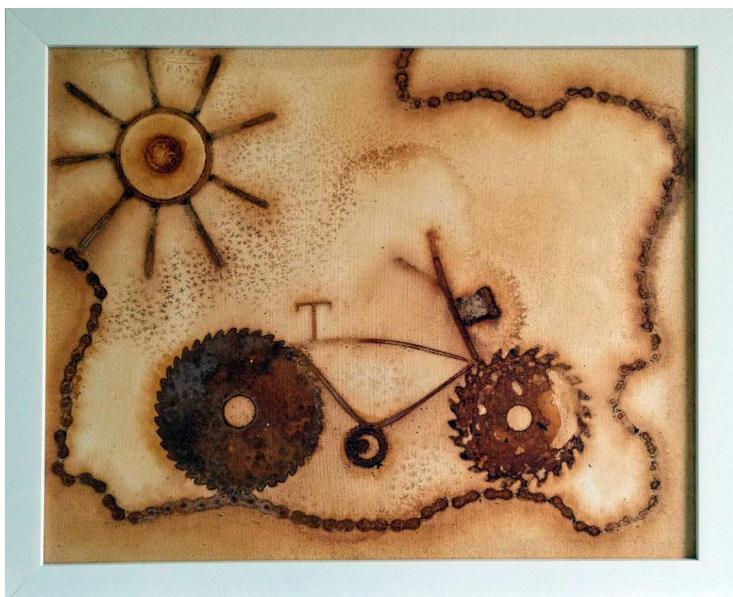
8. Catálogo educativo: "Sucata que gera Vida"

Os objetos metálicos usados e descartados em quintais, ruas, oficinas de carros e bicicletas ou que são objetos pessoais, trazem consigo memórias, afetos, lugares, geografias outras... O ato da criação da obra representa as emoções, os sentimentos dos estudantes que a criaram. Na obra se coloca tudo o que está no interior de quem a realiza, uma das formas de expressão magnífica, pois a partir do momento em que se concretiza, deixa de pertencer a quem a realizou e passa a ser um objeto de interpretação, de desejo ou até de repulsa de quem a observa.



Sensações de dias em que o sol brilhava - 2018
Impressão por oxidação - 40 x 50cm.

A obra retrata a infância de dias quentes e de brincadeiras. Acima das montanhas, o sol, com sua intensidade, que "aquece" a imagem. A disposição dos objetos que formam as crianças e seus brinquedos causam a impressão de movimentos suaves; o afastamento das personagens não gera "confusão". Dessa forma a infância se mostra leve, presente – emocionalmente – e distante – cronologicamente: o tempo. Este momento, o agora, é um convite ao espectador. Um passeio nas memórias. Sensações de dias em que o sol brilhava e que se brincava. Despretensiosamente, crianças.



A bicicleta - 2018

Impressão por oxidação - 40 x 50cm.

As nossas pernas são os motores que movem as bicicletas: engatinhar, andar, correr, pedalar... Processo de aprender e amadurecer. Quantas vezes nos deparamos com situações onde, aparentemente, só contamos com nossas próprias pernas? Tomar decisões nunca é fácil! Para produzir este trabalho foi necessária uma rede de pessoas, lugares, que fazem com que se entenda como parte de um todo, complexo e rico. O que vai além do mecanismo automático em que, por vezes, nos deparamos em nossa vida afetiva e física. A bicicleta é usada para diversão, mas também como meio de transporte que facilita a vida das pessoas. Ela passa por pequenos espaços onde os carros não podem ir. Andar de bicicleta é um excelente exercício físico e contribui com as práticas ecologistas. Para aprender a pedalar é preciso cair algumas vezes. Mas aprender a cair e levantar quantas vezes for preciso, para então seguir e sentir o vento bater e também poder abrir os braços. Que tal descolar uma "magrela" e sair pedalando mundo afora?



Diversidade, diferença e liberdade - 2018

Impressão por oxidação - 50 x 40cm.

Diversidade, diferenças e liberdade. Essas foram as palavras que inspiraram a realização da obra. Objetos metálicos, suas texturas e formas, à primeira vista, aleatoriamente dispostas sobre a tela, dão vida à obra, produzindo um abstracionismo intrigante que provem de um conjunto de ideias que se uniram para formar um todo, levando nossos olhos a várias direções. As sucatas exploram o espaço da tela, ocupam um lugar vazio, assim como nossas ideias exploram o mundo e devem ocupá-lo.



Sistema sucata - 2018

Impressão por oxidação - 40 x 50cm.

Sistema solar, sol, planetas. Uma corrente que delimita o que deveria estar “livre”: o pensamento. Temas abordados nas aulas de Geografia e Artes, como preconceito, violência e desigualdade social, trouxeram à tona pensamentos que envolvem mudanças: respeito, valorização e igualdade. Sistema sucata faz referência ao nosso sistema de vida.



Microscópio - 2018

Impressão por oxidação - 40 x 50cm.

Histórias distintas. Vidas vistas por outros ângulos. Realidades ampliadas. Essa é uma obra que refletiu a aproximação das obras de artistas e personagens como Erília Estanciany, Carolina Maria de Jesus e Estamira Gomes de Sousa. Ela permite a aproximação de qualquer um a esse “microscópio psicológico”. Falar sobre a subjetividade e a valorização dessas personagens foi crucial no processo. Permitir-se olhar de perto, perceber o outro e a si mesmo. Tudo depende da distância ou da proximidade que escolhemos ter de quem nos rodeia.



Dia e noite - 2018

Impressão por oxidação - 40 x 50cm.

Dia e noite, como diz a letra da canção, “O anjo mais velho”, do grupo O Teatro Mágico: “O dia mente a cor da noite”; seria possível dizer que cor tem o céu? Durante a passagem do dia podemos ver, lá no alto, muitas cores, formas e astros. Isso porque o dia não para, a noite não para, as horas não param. Temas envolvendo o “aqui” e o “agora” deram vida à obra. É preciso aproveitar o tempo ... cada segundo ... dia e noite.



Emaranhado abissal - 2018

Impressão por oxidação - 50 x 40cm.

Dúvidas, escolhas, objetivos. Não é sempre que se tem as respostas. Muitas vezes, as questões que envolvem a arte vão para casa sem resposta ... talvez deva ser assim mesmo. A montagem da obra passou por várias questões, dentre elas: “O que fazer afinal?” O que se sabe é que para entender a arte, assim como para entender o outro, é preciso ter sensibilidade. Fazer perguntas sem projetar as respostas talvez seja o primeiro passo. Observe, sintá.



Coração - 2018

Impressão por oxidação - 50 x 50cm.

Músculo robusto, mas também frágil. É assim o coração. Na tela um tipo de “mecanismo”, no corpo, também. Quando falamos em coração não pensamos somente naquele incansável órgão que bombeia sangue para todo o corpo, mas também naquele que é indispensável para que haja vida, sendo assim, responsável por refletir tudo que a vida traz: emoções, afetos e medos. A liberdade para se expressar através da imagem nos mostra o quanto a vida é importante. Por mais que os sentimentos possam parecer silenciosos, os corações batem incessantemente, dispostos a continuar fazendo arte pela vida, dispostos a viver.



Girassol - 2018

Impressão por oxidação - 50 x 40cm.

O girassol vai em direção ao sol. O que estamos acostumados a ver na cor amarelo brilhante nos campos não é uma flor, mas um conjunto de flores dispostas de acordo com um lindo esquema em espiral. Vivenciando momentos alegres, cada componente que realizou o trabalho pode experimentar novas formas de se relacionar, interagir, (re)criar e (re)inventar. Olhar em direção ao sol e segui-lo. Estar em boas companhias, numa espiral de ideias que fazem a luz brilhar.



Ainda temos o sol - 2018

Impressão por oxidação - 50 x 40cm.

Brinquedos eletrônicos, celular, computador... A evolução do mundo e suas tecnologias. Ficar diante de sucatas, objetos antigos, aparentemente sem valor, esse foi o caminho. Os estudantes se encontraram com a simplicidade e (re)significaram valores. Uma criança no telhado fazendo bolhas de sabão. Algo reto dividindo os espaços. Seria hoje o fim da simplicidade? Seria trocar as bolhas de sabão ao ar livre por bolhas computadorizadas? Diante dos questionamentos referentes ao que nos expande e ao que nos delimita, ainda temos o sol.



Imensidão de "Eu's" - 2018

Impressão por oxidação - 40 x 60cm.

No centro, o sol, e ao redor, uma imensidão de Eu's. Equilíbrio e energia inspiraram a obra. Diante de uma tela branca e das possibilidades que as sucatas proporcionam, os estudantes foram de encontro aos próprios sentimentos e centralizaram o sol como ponto de conexão entre os seres. Apesar de chegarmos a um centro, o olhar pode se expandir e os raios solares parecem não ter fim. Conectar-se ao próprio eu, e, ao mesmo tempo, com uma imensidão de "Eu's" é amar através do conjunto.

9. Referências bibliográficas

ALVES, Nilda. **Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos**. Revista Teias: Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p.8, jan./dez. 2003.

BARCELOS, Valdo. **Uma educação nos trópicos**: Contribuições da Antropofagia Cultura Brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARCHI, Rodrigo. **Uma EA libertária**. **Revista Eletrônica do Mestrado em EA**: Universidade Federal do Rio Grande Rio Grande do Sul, v.22, jan. a jul. 2009. ISSN 15 17-1256. Disponível em <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2819> . Acesso em 5 dez. 2017.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. **Formação inventiva como possibilidade de deslocamentos**. In: DIAS. Rosimeri de Oliveira (Org.). Formação inventiva de professores. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 20ª ed. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Sílvia. **Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar**. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Orgs.) O Sentido da Escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GUATARRI, Félix. **As três ecologias**. Campinas (SP): Papirus, 2003.

GONZALEZ, Soler; RAMOS, Andreia Teixeira. **Educação Ambiental autopoietica em redes de conversações na vida cotidiana**. Ed. Textura, n.30, jan./abr.2014.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. 1ª ed. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 1999.

10. Créditos

CADERNO-CATÁLOGO EDUCATIVO

ORGANIZAÇÃO

Roberto Márcio da Silveira
Soler Gonzalez

TEXTOS

Roberto Márcio da Silveira
Soler Gonzalez
José Américo Cararo
Pibid Geografia

REVISÃO TEXTUAL

Flávia Martinelli

PROJETO GRÁFICO

Gabriel Roccon

